

Ginecologia moderna, misoginia e binarismo: intersecções nos serviços de saúde.

A ginecologia moderna nasce no Sul dos Estados Unidos por volta de 1850. Sedimentase no maior matricídio da história por meio de práticas racistas que embasaram a produção e enraizamento de narrativas que depreciaram o corpo humano caracterizado como feminino (EHRENREICH, ENGLISH, 2009). A pesquisa científica realizada em cadáver ao longo do século XIX e início do século XX, esconde em seu bojo análises pautadas em diferenças anatômicas. (MARTINS, 2004). Em diálogo com o modo de produção da época e pressupostos da acumulação primitiva, os resultados de tais estudos consagram corpos binários que, não por acaso, tiveram como “padrão de qualidade” a anatomia descrita nos manuais de medicina como masculina (REIS, 2010). Este estudo pretende denunciar como o exercício cruel de misoginia suportou a ginecologia moderna e nutre por meio do da perspectiva binária da anatomia humana. Reforça assim suas práticas nefastas sobretudo na saúde ginecológica das pessoas com vulva. Realizou-se revisão bibliográfica de estudos produzidos por médicas, enfermeiras e historiadora feministas, bem como rodas de diálogo com lésbicas, mulheres cisgêneras, pessoas com vulva e homem transgênero. Ao todo foram seis rodas de diálogo as quais totalizaram mais de 30 participantes. O intuito dessas rodas de diálogo foi partilhar os estudos revisados e traçar um perfil dos serviços de saúde ginecológica na cidade do Recife.